

Considerar a dor dos outros como nossa

Boletim de Arte Tricontinental (maio de 2024)



Iri e Toshi Maruki já haviam evacuado Tóquio e estavam morando em Urawa, Saitama, quando a bomba atômica foi lançada sobre Hiroshima, no Japão. Nos dias que se seguiram, em agosto de 1945, o casal de artistas japoneses correu para a cidade para testemunhar os horrores em primeira mão, apoiando o trabalho de socorro onde possível. Como pintores a óleo e com tinta tradicional, os Marukis sentiram que era sua responsabilidade retratar e documentar as memórias dos sobreviventes e dos mortos, cerca de 200 mil pessoas. Iri e Toshi tinham a missão de lutar contra o esquecimento subsequente e o apagamento de eventos, inclusive aqueles que eles não haviam vivido pessoalmente, para criar uma memória coletiva.



Iri e Toshi Maruki, s.d. Crédito: Galeria Maruki para os Painéis de Hiroshima.

“Toda memória é individual, irreproduzível – ela morre com cada pessoa”, escreve Susan Sontag em seu livro, *Diante da dor dos outros* (2003), que reflete sobre a história e o poder das representações visuais de atrocidades. “O que chamamos de memória coletiva não é uma lembrança, mas uma estipulação: que *isso* é importante, e esta é a história de como aconteceu, com as imagens que fixam a história em nossas mentes”. Nos anos que se seguiram, os Marukis começaram a pintar em telas dobradas de 1,8 por 7,2 metros os testemunhos, as memórias, a imaginação e as emoções dos *hibakushas* [sobreviventes das bombas atômicas] em Hiroshima e Nagasaki. Os três primeiros painéis, *Ghost* [Fantasma], *Fire* [Fogo] e *Water* [Água], percorreram o Japão em uma exposição, em uma época em que qualquer reportagem ou fotografia dos bombardeios era estritamente proibida pela ocupação aliada liderada pelos EUA. Os Marukis resistiram a esse silenciamento criando uma memória coletiva dos eventos por meio de suas pinturas.

Não apenas por um dia, nem por um ano; por 30 anos, eles continuaram pintando essas imagens. O conjunto completo de 15 pinturas, chamado de *The Hiroshima Panels* [Painéis de Hiroshima], viajou desde então por 20 países, deixando sua marca na mente de pessoas de todo o mundo. Quatorze deles estão expostos permanentemente na **Galeria Maruki**, em Saitama, e incluídas no mais recente dossiê do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, *A nova guerra fria causa tremores no nordeste da Ásia*, co-publicado com o International Strategy Center (Coreia do Sul) e o Basta de Guerra Fria.

“Acredito que o que é retratado nos *Painéis de Hiroshima* não é a história do passado, mas sim questões que continuam até hoje”, disse-me Yukinori Okamura, curador da Maruki Gallery, em nossa conversa sobre a relevância contínua das obras de arte. Ele continua:

“Por outro lado, quase 80 anos se passaram desde os bombardeios atômicos, e cada vez menos pessoas podem contar suas histórias pessoais sobre eles [devido à idade]. As pinturas permanecem mais tempo do que as vidas humanas, portanto, evocar memórias [dos bombardeios] por meio de pinturas desempenha um papel importante quando pensamos no futuro”. Embora tenham sido pintados há quase oito décadas, *os Painéis de Hiroshima*, que contam com o **apoio público** para sua manutenção, são um alerta para o nosso presente e para o nosso futuro compartilhado.



Iri e Toshi Maruki, *III Water* [III Água], 1950, de *The Hiroshima Panels* [Painéis de Hiroshima]. Crédito: Galeria Maruki para os Painéis de Hiroshima.

Desenhados no estilo *sumi-e* da pintura a tinta tradicional japonesa, esses painéis incluem cerca de 900 figuras humanas em tamanho natural. Renderizados em lavagens pesadas de vermelho e preto, são representações horríveis de mortos e moribundos. Eles te capturam. Te incomodam. Te atormentam. Mas será que é suficiente apenas “considerar a dor dos outros” por meio dessas imagens? O que as imagens devem nos fazer sentir? Mais importante ainda, o que as imagens devem nos levar a fazer?

Essas são algumas das questões sobre as quais Sontag reflete ao atualizar seus pensamentos anteriores desenvolvidos mais de três décadas antes em *Sobre fotografia* (1977). “Por mais que criem simpatia, escrevi, as fotografias diminuem a simpatia. Isso é verdade? Pensei que fosse quando o escrevi. Agora não tenho tanta certeza. Quais são as evidências de que as fotografias têm um impacto cada vez menor, de que nossa cultura de espectador neutraliza a força moral das fotografias de atrocidades?” Uma imagem – estática ou em movimento – que documenta atrocidades hoje em dia pode ter uma força moral? À medida que as imagens se multiplicam na era digital, em sua abrangência e nos lugares em que as encontramos, sua força moral é neutralizada? Será que nossa simpatia, como telespectadores, foi reduzida?



Imagens no acampamento da Universidade de Toronto, maio de 2024.

Nos últimos sete meses, as pessoas têm recusado essa narrativa de apatia e cinismo. Confrontados com as inúmeras imagens dos ataques genocidas de Israel em Gaza, milhões de pessoas saíram às ruas e muitos estudantes de centenas de universidades ocuparam seus campi. Em solidariedade aos estudantes, visitei um acampamento em minha *alma mater*, a Universidade de Toronto. Obras de arte pintadas à mão e cartazes impressos forravam a grande cerca ao redor do King’s College Circle, rebatizado de People’s Circle for Palestine, onde mais de 150 estudantes estavam acampados. De fato, hoje as imagens se multiplicaram, assim como os ambientes onde as encontramos.

Um genocídio foi transmitido ao vivo em nossas telas de celulares e notebooks, acompanhando nossas atividades diárias mais mundanas; a galeria mudou para os acampamentos, para as ruas e para nossos *feeds* de redes sociais. O dia 15 de maio marcou o 76º aniversário da Nakba, “a catástrofe” que deslocou à força três quartos de um milhão de palestinos para criar o Estado israelense. Nossa designer, Ingrid Neves, criou este cartaz como parte de uma **coleção** organizada pela Utopix.



Ingrid Neves (Brasil), *Memory of the Nakba*, 2024 [Memória da Nakba].

Há mais de dois séculos, o pintor espanhol Francisco Goya criou um dos conjuntos mais memoráveis de imagens contra a guerra. *The Disasters of War* (1810-1820) [Os desastres da guerra] foi um protesto visual contra a repressão brutal durante a Revolta Dos de Mayo, em 1808, na forma de 82 gravuras em metal. Abaixo de cada impressão há uma legenda curta, um apelo para que o espectador sinta. *No hay quien los socorra* [Não há ninguém para ajudá-los]. *Esto es peor* [Isso é pior]. *Ya no hay tiempo* [Já não dá tempo]. Cada linha exige uma resposta do espectador, como se dissesse: “Não, não é suficiente considerar a dor dos outros”.



Francisco Goya (Espanha), *No hay quien los socorra* [Não há ninguém para ajudá-los], 1810-1820, de *Los desastres de la guerra* [Os desastres da guerra].

O genocídio não é um espetáculo. Imagens de atrocidades têm a capacidade – e a responsabilidade – de mobilizar nossas emoções e nos mobilizar para agir. Elas são um chamado para que prestemos testemunho e consideremos a dor dos outros como se fosse a nossa. Se os Marukis estivessem vivos, acredito que eles estariam pintando imagens apenas para nos lembrar disso. Afinal, em seus últimos anos, suas pinturas assumiram temas mais amplos, apresentando a situação das comunidades pesqueiras, crises ambientais e a violência sexual cometida pelo exército japonês durante o Massacre de Nanjing, na China, em 1937. “Os

Marukis procuraram abordar a violência e a opressão inerentes aos seres humanos, começando com a memória dos bombardeios atômicos”, disse o curador Okamura. “No entanto, nem Iri nem Toshi estão mais vivos. Acredito que é nossa responsabilidade, como indivíduos que vivem hoje, enfrentar e lembrar o que está acontecendo no mundo agora, assim como os Marukis enfrentaram com inteireza os problemas de sua época”.

Em outras notícias...



Evento na livraria Expressão Popular, 2 de maio de 2024.

No início deste mês, vários membros do nosso departamento de arte se reuniram pessoalmente em São Paulo, Brasil, para planejar nosso trabalho conjunto no próximo ano. Organizamos o **Internacionalizemos a arte!** na **Expressão Popular** que contou com uma discussão comigo, Kael Abello (Utopix/Tricontinental) e Miguel Yoshida (Expressão Popular/**União Internacional de Editoras de Esquerda**) sobre o papel da arte e dos trabalhadores culturais na construção do internacionalismo.



Zhao He (China), *Clara Zetkin*, 2024.

O pôster do Dia do Livro Vermelho deste mês comemora a marxista e feminista alemã, Clara Zetkin, e seu relatório, *A luta contra o fascismo*, apresentado em 20 de junho de 1923 ao Terceiro Plenário do Comitê Executivo da Internacional Comunista. A obra de arte foi criada por **Zhao H** e um designer, DJ e escritor de Pequim que vive em Berlim e colabora frequentemente com o **Fórum Zetkin de Pesquisa Social**. Embora tenha sido escrita há 100 anos, a descrição de Zetkin sobre a situação do proletariado, seu crescente empobrecimento, o aumento do ressentimento, a falta de consciência política, a repressão das forças progressistas e a ascensão do fascismo ressoam nitidamente em muitas regiões hoje em dia. O mesmo acontece com seu apelo: “Acima do caos das condições atuais, a forma gigantesca do proletariado se erguerá

com o grito: ‘Eu tenho a vontade! Eu tenho o poder! Eu sou a luta e a vitória! O futuro pertence a mim!’”

Cordialmente,

Tings.